
REVERBERAÇÕES SOBRE A FELICIDADE

Emerson Mildenberg¹

RESUMO

Essa grafia examina de maneira empírica o conceito sobre felicidade. De vasta magnitude, infere-se que a concepção sobre felicidade acha-se bem peculiar a cada indivíduo, quiçá e indubitavelmente a cada cultura. Trilhando vertentes a datar da Grécia antiga, o conceito sobre felicidade sempre despertou interesse nos grandes pensadores. Através dos séculos, reflexões sobre o objeto em questão ecoam pormenores sobre saúde, dinheiro, virtude, amor, prazer, desejo e espiritualidade. Recorrendo a Aristóteles, grande pensador grego, aluno de Platão e mentor de Alexandre o Grande, o conceito de felicidade é balizado a partir de considerações sobre a percepção que o indivíduo tem a respeito de tal aprazimento. Num outro tom, mas integrante da mesma orquestra, surge José Ortega y Gasset, pensador espanhol. Para Gasset, a felicidade é como mover-se por uma vereda que leva aquilo que viabiliza aprazimento ao ser. Por último, faço menção do maior revolucionário da raça humana, Jesus, chamado o Cristo. Para o líder dos cristãos, felicidade é entendida não como um coeficiente raso, mas como uma finalidade ou abdicação. Longe de concluir qualquer parecer ocluso sobre o tema, procuro apenas ressoar aquilo que transpõe séculos, fazendo-se sempre corrente.

183

Palavras chave: Felicidade. Conceito. Filosofia.

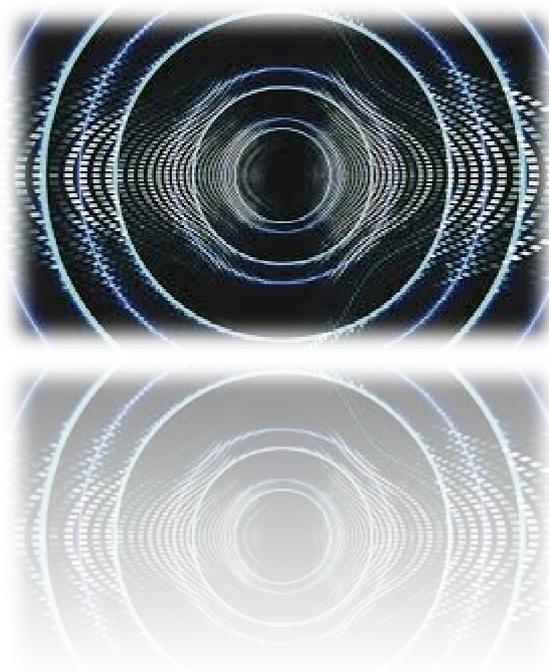
ABSTRACT

This spelling examines the empirical maner of happiness concept. Of extensive magnitude, it can be implied that the conception of happiness it can be particular to each individual, perhaps and assuredly to each culture. Treading strands to date from ancient Greece, the concept of happiness has always aroused interest of great thinkers. Through the centuries, thinking about the object in question echoes health, money, virtue, love, pleasure, desire and spirituality details. Using Aristotle, the great Greek thinker, Plato's student and mentor of Alexander The Great, the concept of happiness is based on individual consideration about pleasure. In the same line of reasoning collaborates with the idea José Ortega Y Gasset, Spanish thinker. To Gasset, hapiness is like moving along a path it takes what enable pleasure to the being. Lastly, I would mention the greatest revolutionary of human being, Jesus, called Christ. To the Christians leader, happiness is not understood as a shallow coeficient, but as a purpose or abdication. Far

¹ Docente Centro Universitário Filadélfia.

from concluding any opinion about the subject, I just seek to resonate with what goes on through centuries, always becoming current.

Keywords: Happiness. Concept. Philosophy.



Fonte: olhardigital.com.br/

184

REVERBERAÇÕES SOBRE A FELICIDADE

Dois de fevereiro de 2007, é o lançamento do filme “A Procura da Felicidade”, dirigido por Gabriele Muccino e tendo por roteirista Steven Conrad. Chris Gardner (Will Smith) é um pai de família que enfrenta sérios problemas financeiros. Apesar de todas as tentativas em manter a família unida, Linda (Thandie Newton), sua esposa, decide partir. Chris agora é pai solteiro e precisa cuidar de Christopher (Jaden Smith), seu filho de apenas 5 anos. Ele tenta usar sua habilidade como vendedor para conseguir um emprego melhor, que lhe dê um salário mais digno. Chris consegue uma vaga de estagiário numa importante corretora de ações, mas não recebe salário pelos serviços prestados. Sua esperança é que, ao fim do programa de estágio, ele seja contratado e assim tenha um futuro promissor na empresa. Porém seus problemas financeiros não podem esperar que isto aconteça, o que faz com que sejam despejados. Chris e

Christopher passam a dormir em abrigos, estações de trem, banheiros e onde quer que consigam um refúgio à noite, mantendo a esperança de que dias melhores virão.

Nesse drama, podemos verificar a intensa busca por uma vida melhor e conseqüentemente o encontro com a felicidade que nos espera logo ali. Parece que esse é um projeto que todas as pessoas concordam entre si e chegam a fazer apologia sobre tal temática.

Mas de fato, o que é felicidade? Como encontrá-la? É possível obtê-la? Existe uma fórmula para ser feliz?

Através da plataforma diacrônica, quero convidar você, prezado (a) leitor (a) a retroceder comigo ao ano de 384 a.C. até a Grécia antiga. O local é Estagira uma antiga cidade da Macedônia, situada hoje na Grécia, na região da Calcídica. Estagira foi fundada em 656 a.C. por colonos jônios provenientes de Andros, uma das ilhas Cíclades. Ali nasceu e viveu parte de sua vida, Aristóteles, um filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande. Seus escritos abrangem diversos assuntos, como a física, a metafísica, as leis da poesia e do drama, a música, a lógica, a retórica, o governo, a ética, a biologia e a zoologia. Juntamente com Platão e Sócrates (professor de Platão), Aristóteles é visto como um dos fundadores da filosofia ocidental.

Foi Aristóteles que discursou e apresentou uma definição muito interessante acerca da Felicidade, definição esta que atravessa séculos e se mantém viva na mente do homem moderno. Com um curriculum vasto e extraordinário, Aristóteles investigou sobre a felicidade, como alcançá-la e se de fato é possível obtê-la e em sua obra “*Ética a Nicômaco*” (nome de seu pai e também de seu filho), Aristóteles propõe que toda racionalidade prática é teleológica, quer dizer, orientada para um fim ou um bem, como está no texto. À *Ética* cabe determinar a finalidade suprema, em latim, o “*summum bonum*”, que preside e justifica todas as demais, e qual a maneira de alcançá-la. Essa finalidade suprema é a felicidade, em grego “*eudaimonia*”, que por seu turno, não consiste nem nos prazeres, nem nas riquezas, nem nas honras, mas numa vida virtuosa. Aqui é interessante informar ao caro (a) leitor (a) que virtude, por sua vez, se encontra no justo meio, entre os extremos, e será encontrada somente por aqueles que são dotados de prudência, em grego “*phronesis*” e educado pelo hábito no seu exercício. Outro detalhe, não menos importante, é que a ideia de virtude, na Grécia Antiga, não é idêntica ao conceito atual, muito influenciado pelo cristianismo. Virtude tinha o sentido

da excelência de cada ação, ou seja, de fazer bem feito, na justa medida e em cada pequeno ato.

Noutras palavras, Aristóteles defende que a felicidade é

- 1) o maior bem desejado pelos homens e,
- 2) o fim das ações humanas.

“O bem é aquilo a que todas as coisas tendem”

Podemos ver aqui que a filosofia aristotélica é teleológica, ou seja, está orientada por uma finalidade como supracitado. Na “Ética a Nicômaco”, a finalidade é identificada como o “bem”, ou seja, dizer que todas as ações tendem a um fim é o mesmo que dizer que todas as coisas tendem a um bem, como por exemplo: “O fim da arte médica é a saúde, o da construção naval é um navio, o da estratégia é a vitória e o da economia é a riqueza”, etc.

É importante considerar que há diferenças entre os fins. Há, por exemplo, atividade cujo fim está em si mesma e atividades cujos fins são diferentes delas. O exemplo que ele dá acima nos ajuda a entender isso: a arte médica é um meio para alcançar a saúde; a construção naval é um meio para obter um navio; a economia é um meio para obter a riqueza. São, portanto, bens instrumentais. Aqueles bens que são bens em si mesmos são denominados de bens intrínsecos. Observamos com isso, uma hierarquia na proposta de Aristóteles entre bens, e os intrínsecos figurando ao topo. Ambos, bens instrumentais e bens intrínsecos, tendem a um fim (teleologia).

186

O QUE É “O SUMO BEM”?

Aristóteles percebeu que não poderia haver apenas bens secundários, um bem desejado em função de outro. Era necessário que existisse um fim último para a ação humana. A esse fim último, Aristóteles refere-se como Sumo Bem, “o melhor dos bens”.

Como é o “melhor que existe”, o Sumo Bem deve ser objeto de um saber supremo, uma ciência que seja superior às outras ciências. Para ele, essa ciência era a Política. Dessa forma, podemos compreender que o bem para os seres humanos não deve ser alcançado individualmente e, sim, em coletivo, por toda a cidade. Aqui cabe a pergunta: Qual é Sumo Bem para o ser humano?

Agora que entendemos que toda ação tem um fim e deve haver um fim que seja um fim último, precisamos entender também que deve haver um fim último para a ação humana e que, para Aristóteles, seja objeto para a política, que em sua concepção deveria entregar possibilidades para que todos tivessem um encontro com a felicidade. Isto posto, ainda nos falta entender qual é a finalidade, à qual o ser humano se dirige, ou seja, esse fim como Sumo Bem, o mais alto de todos os bens que se pode alcançar pela ação.

Aristóteles diz que tanto as pessoas mais sábias quanto as pessoas menos dotas concordam que toda a ação humana tem como objetivo alcançar a felicidade. Se faz parte da natureza humana o desejo de ser feliz, o fim mais elevado não poderia ser outro e, por isso, há esse consenso. No entanto, não há um consenso a respeito do sentido que a “felicidade” tem para todas as pessoas. O sentido que as pessoas atribuem à felicidade varia muito e é como se, de fato, não soubessem ou não fosse possível saber o que vem a ser a felicidade. Enquanto as pessoas sábias entendem que a felicidade é um fim em si mesma, as demais pessoas definem-na como se fosse “alguma coisa simples e óbvia, como o prazer, a riqueza ou as honras” e essa última definição anda em voga em nossa contemporaneidade.

É interessante observar que parece mesmo que a felicidade esteja associada a uma noção de “falta”, como por exemplo: se perguntarmos para uma pessoa doente o que é a felicidade, ela responderá que é a saúde; para uma pessoa endividada, a resposta que teremos será que o dinheiro é a felicidade; para uma pessoa que está passando frio, uma resposta possível é que um cobertor é a felicidade, da mesma forma que, para uma pessoa faminta, a felicidade é um alimento qualquer. O que podemos pensar em harmonia com Aristóteles, é que não há uma mudança no que é a felicidade, e sim na percepção que temos dela.

A FELICIDADE E OS TRÊS MODOS DE VIDA SEGUNDO ARISTÓTELES

Aristóteles, ao observar que não existe um consenso a respeito do conceito de felicidade, identificou três modos de vida. Cada modo de vida tem uma percepção distinta a respeito do que é a felicidade. Vejamos:

1. O primeiro modo de vida é a vida guiada pelo prazer. As pessoas que vivem assim, e que são a maior parte das pessoas, pensam que o bem e a felicidade são

sinônimos de satisfação de impulsos, assim como são para os outros animais. Por isso, Aristóteles identifica esse tipo de modo de vida com a escravidão.

2. O segundo modo de vida é a vida política. Nesse caso, as pessoas buscam honrarias e grandes feitos para que sejam reconhecidas pelas demais pessoas, como se a felicidade dependesse do olhar do outro – pois, a ação humana não é suficiente para conduzir à felicidade; depende de uma interpretação, de alguém que a valide. Quero ressaltar que em tempos de tecnologia, essa felicidade é a que mais tem tido “curtidas”!

Disse Aristóteles que as pessoas que pensam assim parecem querer provar para si mesmas que são, de fato, boas. Do mesmo modo, são as pessoas que buscam não honra, mas holofotes. Os holofotes não trazem felicidade, são efêmeros e ao final, frustrantes.

3. A terceira e mais elevada forma de vida é a vida contemplativa. Esse modo de vida aproxima-se mais da real finalidade humana, pois as pessoas que vivem assim, buscam o bem por ser um bem e não por quererem outra coisa a partir dele, orientadas pelo exercício da razão.

A vida contemplativa é a vida puramente racional e, por meio dela, o ser humano age de acordo com sua mais elevada faculdade e em busca de um bem que é a própria finalidade e, por isso, é o Sumo Bem. Como a razão é a mais elevada faculdade humana, a vida contemplativa é o modo de vida mais feliz para o ser humano e, portanto, sua felicidade.

Figura 1 - Ondas magnéticas



O que temos até aqui, não tem por objetivo encerrar o assunto sobre o conceito de “Felicidade” a partir de Aristóteles, senão provocar você, prezado (a) leitor (a) a se integralizar acerca do alvitado situando-se pela ótica apresentada.

Convido você, a migrar imediatamente comigo para o século XX, até o continente Europeu. O país é a Espanha, a cidade é Madri e o personagem que contribui conosco nessa exploração conceitual é José Ortega y Gasset.

José Ortega y Gasset nasceu em 1883 em Madrid e foi um filósofo, ensaísta, jornalista e ativista político espanhol. Graduou-se e doutorou-se em Filosofia na Universidade Central de Madri em 1904, após breve passagem pela Universidade de Deusto, em Bilbao. Gasset, lembra Heráclito (pensador grego do século III a. C.) que afirmava que tudo é fluxo, ou seja, tudo está em pleno movimento. Para Gasset, todas as coisas estão em permanente processo de mudança. Por isso a vida, do início ao fim, é um aprendizado. Me identifico muito com Gasset, em razão de que esse pensador espanhol afirma que o homem tem uma missão de clareza sobre a Terra. Chamo isso de propósito. Falaremos mais sobre isso na sequência. Esse pensador afirma que existe sim uma verdade, entretanto que essa verdade pode ser alcançada do ponto de vista de cada um, ou seja, é relativa. Esse é o sentido da mais famosa máxima de Ortega y Gasset: "O homem é o homem e a sua circunstância". Para ele, não é possível considerar o ser humano como sujeito ativo sem levar em conta simultaneamente tudo o que o circunda, a começar pelo próprio corpo e chegando até o contexto histórico em que se insere.

As coisas estão em permanente processo de mudança e a realidade na qual estamos inseridos é relativa. Poder situar-se nessa realidade, implicará um saber a respeito de questões vitais, algo que só é possível com base no encontro entre o pensamento e o mundo exterior. A análise do eu levada em consideração por Ortega y Gasset parte das conquistas da vida. Os meios para esses avanços não se limitam à capacidade intelectual de fazer descobertas, mas incluem o entusiasmo e o amor seja por um outro ser, seja pelo conhecimento e aqui começa seu entendimento sobre “Felicidade”.

Gasset entende o conceito “felicidade” transversalmente com um termo geográfico tipicamente utilizado para definir a junção de dois ou mais rios ou ainda a convergência para um determinado ponto – confluência.

Para nosso pensador, a felicidade é definida quando a vida projetada e a vida real coincidem, ou seja, quando a vida que desejamos coincide com o que realmente somos.

Gasset observou que se nos perguntarmos o que é felicidade, encontraremos facilmente uma primeira resposta: a felicidade consiste em encontrar algo que nos satisfaça plenamente.

Mas, na verdade, essa resposta não faz sentido. O que é esse estado subjetivo de satisfação plena? Além disso, quais são as condições objetivas para que algo consiga nos satisfazer”?

Todos os seres humanos têm potencial e desejo de ser feliz. Isto quer dizer que cada um define o que irá fazê-lo feliz; se conseguir construir a sua vida de acordo com os seus desejos, será feliz. A possibilidade de criar a própria história, e não apenas de ter uma natureza determinada, é o que mantém o ser humano permanentemente voltado para o futuro. Nessa dinâmica, ele constrói uma ética que nada tem a ver com preceitos absorvidos de fora, dependendo de uma fidelidade a si mesmo. Aqui, Gasset dá indícios de que defende a bandeira da meritocracia. Mas isso é assunto para um outra reflexão.

Sugiro que continuemos nesses trâmites das “reverberações sobre felicidade”, e incito você, prezado (a) leitor (a) a voltar comigo ao ano 4 a. C., em Belém, província romana da Judéia. Segundo a maioria dos historiadores, nessa região nasceu Jesus, o Cristo. Jesus Cristo foi o grande profeta, a figura central do Cristianismo. As principais fontes de informação sobre a vida de Jesus são os quatro Evangelhos Canônicos, pertencentes ao Novo Testamento e escritos originalmente em grego, em diferentes épocas, pelos seguidores dos discípulos Mateus, Marcos, Lucas e João. Jesus, filho do carpinteiro José e de Maria, nasceu nos arredores da Palestina, provavelmente no ano 4 a.C., no governo do imperador Augusto, quando Roma dominava a Palestina. Sua principal mensagem foi sobre o arrependimento em razão do Reino de Deus, isto é, o domínio de Deus estar próximo. Essa mensagem se coaduna com a mensagem do profeta João Batista, cujo qual é considerado precursor de Jesus – aquele que lhe preparou o caminho.

Quando Jesus ouviu que João estava preso, tomou a mensagem para si e começou a proclamar a “proximidade” de um Reino esperado por todos: O Reino de Deus! Naqueles dias, Israel era uma nação oprimida pelos romanos e sendo assim, a notícia de que um outro rei estava chegando era muito animadora. Eles suspiravam pelo cumprimento das profecias de um regente da linhagem de Davi. O livro do profeta Isaías era lido nas sinagogas e eles esperavam pelo “menino cujo principado descansa sobre os seus ombros” (Isaías 9.6).

Eles queriam um Reino, precisavam de um rei, alguém que os livrasse da opressão estrangeira e trouxesse a glória dos dias de Davi. Surge então, João Batista e, logo após, Jesus com a notícia: O reino está próximo! Nem todos entenderam a boas novas como ela deveria ser entendida. “Interrogado pelos fariseus sobre quando havia de vir o reino de Deus, respondeu-lhes: o reino de Deus não vem com aparência visível. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Porque o reino de Deus está dentro de vós”. (Lucas 17:20-21). Quando Jesus falava do Reino ele não apontava para o horizonte, fazendo com que o povo cresse que era algo distante e impossível de ser alcançado. Não! Ele apontava para si mesmo. O Reino estava próximo porque Jesus estava ali. O Reino estava nele e o Filho de Deus era o Reino.

Somos peregrinos em uma terra que não nos pertence. Caminhamos em direção a um futuro com Deus, na eternidade, mas podemos viver com ele desde já. O Reino que era anunciado pelo Filho de Deus estava disponível a todos naquele tempo e continua até hoje.

O conceito de felicidade também reverbera através dos lábios e voz de Jesus. No sermão mais conhecido de seu ministério e lido e estudado por milhares de acadêmicos e leigos no decorrer dos séculos, Jesus expõe seu “ensaio” sobre felicidade. Ao pronunciar as Bem-Aventuranças no Sermão da Montanha, Jesus promulgou aquilo que se chamou de a "Carta Magna" do Reino dos Céus. As multidões atraídas pelos milagres, pela palavra e pelo poder da personalidade de Jesus, uniram-se a Ele e deram-lhe ocasião para que Ele pudesse pronunciar aquele magistral sermão. Jesus expõe nas bem-aventuranças, as condições essenciais para se obter o direito de felicidade e cidadania em seu reino.

- ✓ Felizes os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus;
- ✓ Felizes os que choram, porque serão consolados;
- ✓ Felizes os mansos, porque eles herdarão a terra;
- ✓ Felizes os que tem fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;
- ✓ Felizes os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia;
- ✓ Felizes os limpos de coração, porque eles verão a Deus;
- ✓ Felizes os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus;
- ✓ Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus;

- ✓ Felizes sois vós quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós;

Evangelho de Mateus 5.3 – 11.

Com essas “*provocações*”, Jesus se coloca em sentido oposto do contexto de sua época, e não apenas isso, mas na contemporaneidade, apresenta objeções no que tange a felicidade vigente. Sua definição sobre felicidade, reverberou outrora e continua ressoando em pleno século XXI.

Com essas palavras, com uma didática exclusiva e uma pedagogia a frente do seu tempo, Jesus propõe uma felicidade que começa na Terra e se estende de maneira plena e possível dentro do Reino dos Céus. Precisamos lembrar, que, segundo Jesus, felicidade não é sinônimo de ausência de tristezas e de situações difíceis. Felicidade não se compra, não é efêmera ou relativa. Para Jesus, a felicidade é um estado de espírito escolhido a ser vivido de acordo com a vontade de Deus e as disposições dos herdeiros desse Deus que tem a posse de um Reino próprio. Os critérios para se obter tal felicidade são apresentados por Jesus, quando ele nos diz que o Reino dos Céus se conjuga com a simplicidade, com o desprendimento e com disciplina, porque um coração muito cheio é sempre agitado e inquieto.

Portanto, felicidade segundo a proposta de Jesus, é aqui e agora, é uma entrega para a vida que o próprio Jesus doou ao homem através de seus ensinamentos, boas maneiras e aceitação sobretudo aquilo que está disponível em nossa rota de vida, sejam percalços e/ou outras coisas e que precisam ser superadas diuturnamente e acima de tudo, com sua própria vida em uma cruz.

Como considerações finais, encontramos nos três pensadores supracitados, exegeses cujas quais dialogam diretamente com as experiências culturais, racionais e metafísicas de cada qual. Talvez, você, prezado (a) leitor (a), esteja buscando incansavelmente a felicidade, a qual, você já teve a sensação de ter encontrado em alguma “esquina” da vida, mas, sem que você percebesse, foi embora, muito rápido. Talvez, um dos nossos personagens descritos nesse livreto, afirmasse que esse encontro, não foi com a felicidade, senão apenas com uma perspectiva que se tornou efêmera, transitória e repentina, deixando um rastro de vazio que ecoou para o interior do ser, aguardando por seu retorno.

Concluo, inflamando ao caro (a) leitor (a) a perceber que a felicidade, de acordo com nossos personagens, se mostra no imediato, naquilo que estamos vivenciando, e que de certa forma, se traduz nos momentos que você deseja eternizá-los. Particularmente, cogito que felicidade é a ambição que trazemos em nossa alma de transmutar um momento agradável em nossa vivência em impressos permanentes. E se assim, for, Jesus é Aquele que atende meus prediletos!

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARISTÓTELES. **Tópicos**: dos argumentos sofísticos. **Metafísica**: livro I e livro II. **Ética a Nicômaco**. **Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2004.